

Educação do Campo e Escola da terra: experiências da LEDOC-UFCAT

 George Leonardo Seabra Coelho¹

¹ Universidade Federal do Tocantins - UFT. Programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas, Rua 03, Quadra 17, Lote 11, S/N. Porto Nacional - TO. Brasil

Autor para correspondência/Author for correspondence: george.coelho@hotmail.com

RESUMO. A presente entrevista faz parte de um extenso projeto de pesquisa, o qual venho desenvolvendo a cinco anos. De modo mais específico, esse projeto visa registrar as experiências na implementação das Licenciaturas em Educação do Campo em diferentes Universidades Federais Brasileiras. Antes de apresentar a entrevista com o Prof. Dr. Wender Faleiro, é importante realizar algumas ponderações. Conheci o professor Wender desde que cheguei à Universidade Federal do Tocantins em 2014, de lá para cá, nos encontramos em diversos Congressos e Encontros, especialmente pelas atividades interinstitucionais desenvolvidas pelos cursos de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e a Universidade Federal de Catalão (UFCat), entre elas, a Escola da Terra. A partir de minhas conversas com ele e outros pesquisadores da Educação do Campo, continuo nesse projeto, que nada mais é do que um registro das experiências dos docentes dedicados à Educação do Campo. Ao tomar conhecimento deste projeto, o Prof. Dr. Wender Faleiro cedeu-se um pouco do seu tempo para realizarmos a presente entrevista. Autor de diversos artigos, capítulos de livros e obras completas e, com a mesma dedicação dispensada para os estudos sobre a educação direcionada às populações camponesas brasileiras, o Prof. Wender pôde nos contar um pouco sobre sua trajetória acadêmica, a institucionalização do curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFCat, até suas expectativas quanto ao fortalecimento do curso no futuro e suas experiências com a Escola da Terra. Então, espero que o leitor acompanhe a entrevista concedida – apropriando de suas próprias palavras – por um militante das políticas públicas de Educação do Campo.

Palavras-chave: trajetória, docência, campo, identidade, resistência.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 10	e18463	UFNT	2025	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------



Rural Education and Land School: LEDOC-UFCAT's experiences

ABSTRACT. The present interview is part of an extensive research project, which I have been developing for five years. More specifically, this project aims to record the experiences in the implementation of Undergraduate Degrees in Rural Education in different Brazilian Federal Universities. Before presenting the interview with Prof. Dr. Wender Faleiro, it is important to make some observations. I have known Professor Wender since I arrived at the Federal University of Tocantins in 2014, from then on, we have met in several Congresses and Meetings, especially for the inter-institutional activities developed by the Field Education courses of the Federal University of Tocantins (UFT) and the Federal University of Catalão (UFCat), among them, the Escola da Terra. From my conversations with him and other researchers of Field Education, I continue this project, which is nothing more than a record of the experiences of teachers dedicated to Field Education. Upon learning about this project, Prof. Dr. Wender Faleiro volunteered some of his time for this interview. Author of several articles, book chapters, and complete works, and with the same dedication to studies on education for Brazilian peasant populations, Prof. Wender was able to tell us a little about his academic career, the institutionalization of the degree course in Rural Education in the UFCat, his expectations for the strengthening of the course in the future, and his experiences with the Escola da Terra. So, I hope the reader can follow the interview granted - appropriating his own words - by a militant of public policies for Education of the Field.

Keywords: trajectory, teaching, countryside, identity, resistance.

Educación Rural y Escuela de la Tierra: experiencias de LEDOC-UFCAT

RESUMEN. La presente entrevista forma parte de un amplio proyecto de investigación que llevo desarrollando desde hace cinco años. Más concretamente, este proyecto pretende registrar las experiencias en la implantación de titulaciones en educación rural en diferentes universidades federales brasileñas. Antes de presentar la entrevista con el profesor Dr. Wender Faleiro, es importante hacer algunas observaciones. Conozco al profesor Wender desde que llegué a la Universidad Federal de Tocantins, en 2014, y desde entonces nos hemos encontrado en varios congresos y reuniones, especialmente por las actividades interinstitucionales que desarrollan las carreras de Educación de Campo de la Universidad Federal de Tocantins (UFT) y la Universidad Federal de Catalão (UFCat), incluyendo la Escola da Terra. A partir de mis conversaciones con él y con otros investigadores de la Educación de Campo, continúo en este proyecto, que no es más que un registro de las experiencias de los profesores dedicados a la Educación de Campo. Al conocer este proyecto, el Prof. Dr. Wender Faleiro cedió parte de su tiempo para la presente entrevista. Autor de varios artículos, capítulos de libros y obras completas, y con la misma dedicación a los estudios sobre la educación de las poblaciones campesinas brasileñas, el profesor Wender pudo contarnos un poco sobre su trayectoria académica, la institucionalización de la carrera de Educación Rural en la UFCat, sus expectativas para el fortalecimiento de la carrera en el futuro y sus experiencias con la Escola da Terra. Así, espero que el lector pueda seguir la entrevista concedida -apropiándose de sus propias palabras- por un militante de las políticas públicas de Educación del Campo.

Palabras-clave: trayectoria, la enseñanza, rural, la identidad, identidad, resistencia.

Entrevista

George Leonardo Seabra Coelho: Professor Wender Faleiro, o senhor pode nos contar um pouco sobre sua formação acadêmica? Conte-nos sobre sua trajetória como pesquisador e como docente.

Wender Faleiro: Minha irmã, mais velha, sempre me dizia: “faz Biologia, você ama as plantas, a natureza. Você tem que ser Biólogo!”. Diante de tantas ofertas de cursos, quis desviar-me. Prestei Direito, pois seria um curso que me daria *status*, bons salários, etc. Só pensei, no tal *status*, que escravizam tantos jovens e adultos, não pensei no que eu realmente gostava, nos meus sonhos inocentes da infância. Dizia, ingenuamente, fazendo direito também poderei ser professor.

Minha irmã mais velha já morava em Uberlândia, fui prestar o vestibular na UFU em direito. Não obtive sucesso. Hoje, agradeço por isso. Retornei a minha cidade e comecei a fazer cursinho, patrocinado por minha irmã e minha poupança que vinha fazendo desde criança. Estudei, e no meio do ano prestei novamente vestibular, agora não mais para direito, pois não tinha. No momento de marcar a opção do curso veio uma resistência tão grande que não optei por Ciências Biológicas, mas por Economia. Passei na primeira fase, mas, não na segunda. Novamente retornei, a Morrinhos, estudei e no final do ano prestei vestibular na UFU, novamente, Direito. Novamente não passei.

Nesse mesmo final de ano, na minha cidade foi implantada a Universidade Estadual de Goiás (UEG), onde seria implantado o Curso de Ciências Biológicas, resolvi prestar vestibular para esse curso, mesmo desmotivado e cansado, depois de tantas derrotas. Fui aprovado, em primeiro lugar! Eu e minha família ficamos felizes.

Porém, o tempo foi passando, e o curso por ser novo na unidade acadêmica, deixava muito a desejar. Não tínhamos laboratórios, a biblioteca era deficiente, poucos professores capacitados. Amava o curso e a minha turma. Juntos lutávamos por melhorias, porém, só recebíamos promessas. Sabia que queria ser Biólogo, professor de Biologia e Ciências. Logo, para fazer diferente, era preciso continuar estudando muito e ter uma formação sólida. Resolvi prestar o exame transferência para a UFU. Fiz a prova. Fui a provado em segundo lugar. Que alegria, finalmente, seria aluno de uma grande Universidade Federal. Meu sonho havia se realizado. Minha família e meus amigos da UEG comemoraram muito comigo.

Mudei-me para Uberlândia, fui morar em uma casa cedida por minha irmã. Como ela me ajudou e me ajuda! É minha segunda mãe!

Formei-me bacharel, primeiro, pois, já estava com minha pesquisa concluída, com três anos de coleta de dados. No semestre seguinte – 2004 – concluí a licenciatura, no mesmo ano prestei o exame de seleção no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Conservação de recursos Naturais, fui aprovado. Continuei sendo orientado pelo professor Dr. Ivan Schiavivini. O mestrado em Ecologia, outra singular experiência, fez com que aguçasse o meu senso crítico. O conteúdo teórico-científico trabalhado nele é de suma importância na minha vida profissional, principalmente, como professor universitário. Como cresci!

Estava pronto para uma nova jornada e, com os desafios cotidianos da sala de aula, tanto na Educação Básica quanto na superior, e com a ânsia de ser um bom professor, percebia a necessidade de um maior aperfeiçoamento na área da Educação. Apenas a licenciatura em Ciências Biológicas não tinha sido capaz de fomentar-me didático e pedagogicamente. Amava a docência e queria melhorar-me profissionalmente, assim resolvi cursar o Doutorado em Educação, fiz três seleções e só fui ser aprovado na última, em 2010.

Antes, em 2009 deparei-me com outra possibilidade de aperfeiçoar-me enquanto professor, o curso de Pedagogia a distância, oferecido pela UFU. No qual me formei em agosto de 2014. Foi uma experiência singular, pois além de aprofundar meus conhecimentos didático-pedagógicos, possibilitou-me vivenciar na prática a EaD.

O doutorado foi uma possibilidade de amadurecer-me enquanto docente e pesquisador. As disciplinas ofereceram-me uma visão ampla e crítica sobre a Educação brasileira, e possibilitaram o melhor desenvolvimento de minha temática. Aprendi a caminhar com os meus próprios pés, pois nesta formação, consegui – ou penso que consegui – alçar voos mais autônomos e profundos. Assim, como uma águia que enxerga longe, que é persistente e determinada, consegui mais essa vitória.

Isto, pois, para mim, ser professor exige compromisso social e com o ambiente. Não podemos parar de estudar, pesquisar, pensar, propor, romper barreiras. Ser professor é mergulhar na busca incansável pelo conhecimento, pelo prazer de produzir, partilhar, incomodar e abrir janelas para diferentes formas de enxergar o mundo e se relacionar com ele. É assim que me sinto na profissão docente, um aprendiz sedento por conhecer e abrir possibilidades de relação com as pessoas e com o mundo.

No final de 2004, recém-formado, realizei o concurso para professor da Educação Básica do Estado de Minas Gerais. Fui aprovado e, logo em seguida, efetivado. Perto de concluir o Mestrado, saiu o concurso para professor de Botânica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), *campus* Araguari. Fui aprovado e contratado.

Defendi minha dissertação, continuei lecionando no Estado e vislumbrando com o novo ambiente de trabalho na UNIPAC. Realmente cresci muito profissionalmente, comparando e vivenciando essas duas realidades.

No final de 2007 deparei com outro desafio que está sendo muito bom, estou sendo Professor-formador no projeto de Atendimento Educacional Especializado para alunos surdos, um Projeto de Extensão do CEPAE/ FAGED-UFU em parceria com a Universidade Aberta do Brasil, o qual me abriu muitas oportunidades, principalmente em aprender sobre a educação especial e a distância, além de trabalhar com a construção de materiais pedagógicos e a formação continuada de professores.

Em 2010, tive que deixar as aulas do estado, pois havia sido aprovado no doutorado em Educação (PPGED-UFU) e promovido a Coordenador do Curso de Ciências Biológicas, na Universidade Presidente Antônio Carlos, UNIPAC da Cidade de Araguari-MG, logo precisaria de mais tempo para dedicar aos estudos e à Universidade. No ano de 2011 fui coordenador da Pós-Graduação em Gestão Ambiental, nessa mesma IES. Esse período trabalhando na administração dos cursos foi de suma importância, pois tive acesso aos “bastidores” dos processos de reconhecimento, elaboração de PPP, mediações entre o MEC e os conselhos reguladores.

Nas buscas de muitos caminhos, enveredei-me por mais um “trieiro”... Agora recém-doutor, e com mais uma graduação (Pedagogia) era hora de aproveitar a expansão e interiorização do Ensino superior no Brasil e aproveitar os concursos públicos para docentes. Abriu concurso para Ciências da Natureza, duas vagas, na UFG, regional Catalão-GO. Era a oportunidade de ser docente de uma instituição federal, além do mais uma Instituição de Ensino Superior (IES) próxima à cidade da qual morava e também de minha cidade natal. No início de 2014, prestei a seleção e fui aprovado. Quanta alegria!

George Leonardo Seabra Coelho: Há quanto tempo o senhor dedica-se à Educação do Campo? Poderia compartilhar algo sobre sua trajetória como coordenador do curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Wender Faleiro: Tomei posse na UFG-Catalão em fevereiro de 2014 e, ao assumir meu exercício, fui conhecer o curso de Educação do Campo (EC). Tudo novo, para mim! Na verdade, nunca tinha me atido para as questões do campo, conheci estudando para o concurso. Enfim, meu ingresso na EC foi minha primeira *desconstrução*. Momentos de insegurança e reconhecimento do quanto e falho nosso processo formativo e o quanto a Universidade nos molda e nos deixa míopes.

Sempre entendi que a educação é um processo contínuo e constante, portanto permanente, através do qual o homem atinge sua autonomia. Essa independência sociopolítica, cultural e, também, econômica, vai sendo galgada passo-a-passo, pela educação regular, atividades de pesquisa e outros cursos, sob a forma de formação continuada, extensão universitária, aperfeiçoamento, etc. Bom, ainda bem que somos seres inacabados. E, tenho humildade de reconhecer-me como tal. Fui avante... me (re)construir como professor popular! Defender direitos não dos “outros, mas os meus”, pois também sou e sempre fui pobre, trabalhador e de origem camponesa.

Ah, e não é fácil reconhecer-se como tal, ter sentimento de pertença, de classe... depois de tantos anos de (de)formação recebidos das instituições escolares e sociais capitalistas que recebemos. E, mais ainda, como defender um curso que vem da luta dos movimentos sociais, que encherá nossas Universidades elitizadas de “pobres e marginalizados da sociedade” e, mais de camponeses “roceiros e matutos”? Como defender um curso que vem trazendo princípios contrários a tudo que nossa educação eurocêntrica e urbanocentrada nas grandes metrópoles, sempre nos ensinou? Como trabalhar na coletividade, se somos egocêntricos? Como tratar interdisciplinarmente os processos de ensino e aprendizagem se sempre fomos adestrados a ser “organizados”? Como educar para a libertação e humanização, se sempre nos foi dado um único caminho, o da competição degradadora e diabólica que reza “seja o melhor, para poder vencer na vida, ser alguém na vida”...

Enfim, nesse cenário podia ter continuado míope, até me cegado, seria caminho mais fácil. Mas, não! Preferi me emaranhar nesse cenário de lutas e me reconstruir como um professor melhor, um ser humano melhor... e nesse processo me encontro até agora e continuarei até o

fim de meus dias. Ainda bem que não estava sozinho! Nesse processo de construção e reconstrução dos “trieiros” pessoais e coletivos da educação popular sempre encontramos companheiros que nos ajudam. Quem primeiro me desvelou e me encorajou foi a professora Maria Zenaide Alves, também recém-chegada em nossa IES. E fomos devagarinho usando nossas bandeiras de luta, pela educação popular e do campo; estou atualmente como coordenador do curso, tarefa árdua, que não nos permite realizar o que queremos e como queremos, mas nos fortalece na luta!

Durante os últimos anos trabalhei bastante, em minha formação acadêmico-profissional, procurei aproveitar ao máximo todas as oportunidades que a mim foram apresentadas. Hoje vejo o quanto valeram as noites em claro e as semanas emendadas, buscando levar em frente os ensinamentos aprendidos com os meus pais: lutar por nossos sonhos, correr atrás dos nossos objetivos sempre com honestidade, cabeça erguida, coração puro e amável. Ir conquistando o nosso espaço, aos poucos, sem “pisar” em ninguém.

Enfim, para defender a EC e seus princípios, tive que enfrentar mais uma Luta, enfim como digo sempre... Para nós, que defendemos a Educação Pública e Popular, as lutas nunca acabam. Enfrentei uma disputa eleitoral para a coordenação do curso junto com a companheira e professora Simara Nunes Tavares, minha vice da chapa. E, felizmente saímos vencedores e com muitas demandas a serem enfrentadas em defesa de nosso curso, que como nas demais IES, sofre com esse romper das cercas da Universidade às camadas mais pobres de nossa população. Sofremos, e ainda sofremos, o preconceito intelectual, cultural e social, contudo ao longo dos anos a EC vem trazendo novos e importantes olhares dentro e fora da IES, que se traduzem no fortalecimento de pesquisas, metodologias de ensino-aprendizagens, cursos, eventos, relações humanas e o maior de todos que é a construção de sonhos e metas mais humanas e libertadoras.

George Leonardo Seabra Coelho: Na sua concepção, quais foram os principais avanços, dificuldades e desafios até o momento, assim como para o próximo triênio?

Wender Faleiro: Entendo que os principais avanços que fortaleceram o curso de EC foi o de apresentá-lo para a sociedade. Também considero que os grandes eventos de extensão e cultura foram fundamentais para o aumento do número de pesquisas e divulgação científica, em nossa Instituição. Posso citar três exemplos: 1) o CECIFOP (Congresso Nacional de

Ensino de Ciências e Formação de Professores), um evento bienal, que nesse ano (2022) já esta em sua 3ª edição, é importante tanto para o fortalecimento das licenciaturas (formação de professores), quanto para a habilitação de nossa EC, que é em Ciências da Natureza; 2) O CIBEPOC (Congresso Interinstitucional Brasileiro de Educação Popular) que iniciamos (2017) e sediamos aqui na UFCat, e foi uma parceria com mais de 20 Universidades e, 3) o Encontro da Escola da Terra de Goiás, que esse ano também iremos para a 3ª edição (2022). Esses eventos, além de fortalecer as discussões e pesquisas, tem um importante elo com os movimentos sociais e com a comunidade. Ademais são eventos que trazem novos olhares para a comunidade acadêmica, pois foge aos formalismos costumeiros da Academia, haja vista os estranhamentos, os narizes tortos e olhares espantados desse espaço por nós “ocupados”. Entendo que estes eventos foram e são espaços férteis para enraizamento da função social de nossa Universidade para com a comunidade.

Também poderia citar em nossa IES a formação de grupos de pesquisa como elementos fundamentais para a amplificação da produção dos conhecimentos sobre a EC. Aqui na UFCat tínhamos dois: O NEPCampo (Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação do Campo) que foi extinto em 2020 (sediado em 2014), e o ativo Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores (GEPEEC), desde 2015.

Não poderia deixar de citar o ganho nacional que é a Revista Brasileira de Educação do Campo, da UFT, para dar voz e fortalecer o Educação do Campo em nosso país.

Outro elemento de avanço foi a Institucionalização dos cursos nas IES e a resistência e luta dentro das IES. Considero que existe um forte preconceito no interior das IES, do corpo docente e da sociedade em geral para com a Educação Popular, logo com a EC. Entendo que as IES de fato abracem os cursos de EC como muitas IES vem fazendo. Na UFCat, o nosso curso está institucionalizado e segue o fluxo como os demais cursos da Instituição, que para nós e para a sociedade já é um grande ganho, ou seja, o medo de vencer o edital do Pronacampo e o curso acabar, já não temos mais.

Nossos alunos são bem diversificados, desde alunos do campo até os da cidade, geralmente é um público feminino e de mais idade, agora recentemente, com a seleção advinda pelo SISu, tem mudado, pois temos a inserção de alunos mais urbanos e mais novos.

Um terceiro ponto que vejo como avanço é a união das Licenciaturas em EC no território nacional, tanto nos eventos quanto nas lutas. Esse fato empodera e nos dá animo para caminhar, pois não temos o sentimento de estarmos sós.

Por último, mas não menos importante sobre os avanços foi o aumento de incentivos pessoais e governamentais na formação docente dos formadores de professores, e que nos últimos anos – por esse desgoverno – temos esmaecido devido aos cortes e sucateamento de nossas IES.

Como nem tudo são flores, posso apresentar algumas dificuldades apresentadas ao longo do tempo. Em primeiro lugar, a grande evasão dos alunos, que por motivos diversos – culturais, sociais e projetos pessoais – não permitem sua permanência.

Outra questão que posso apontar é a dificuldades em trabalhar a Interdisciplinaridade, pois ainda persistem rupturas nos processos de ensino-aprendizagem que visem a formação humana e científica contra a lógica da pedagogia do capital. Ainda persiste a visão em nossa sociedade que a Universidade e a escolarização são apenas importantes para a ascensão social, e muitos só querem a formação mais tecnicista e rápida para atender ao mercado de trabalho.

Outra dificuldade que enfrentamos foi a falta de identidade e pertença do corpo docente para com as lutas da EC. Considero que muitos estão realmente pelo salário, e pouco fazem para o crescimento e solidez do curso, pelo contrário lutam para o fim do curso (no pensamento de mudarem de curso ou até mesmo de IES). Considero, ainda, a falta de formação docente dos formadores de professores. Como o curso de EC é novo em nosso país, bem como as discussões sobre o tema ficaram (e ainda ficam) subjugadas a segundo plano, tem-se poucos professores mestres e doutores que se dedicaram á temática. Logo, poucos docentes saem das Instituições de Ensino Superiores (IES) brasileiras com uma formação sólida e/ou com os olhares voltados para a EC como um todo. Assim, muitos professores (das diversas áreas do conhecimento) que trabalham nos cursos de licenciatura em EC, tiveram o contato inicial com a temática em sua preparação para os concursos públicos para o preenchimento das vagas oferecidas pelos cursos¹.

Por fim, entendo que os desafios é a superação dessas dificuldades.

George Leonardo Seabra Coelho: Sendo os cursos de Licenciatura em Educação do Campo organizados em Pedagogia de Alternância, como o senhor compreende essa abordagem?

¹ Vide em Magno Nunes Farias e Wender Faleiro da Silva. Relações identitárias dos formadores de professores com a licenciatura em educação do campo. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista v. 12, n. 23 p. 353-375 set./dez. 2016.

Wender Faleiro: A Formação por Alternância se coloca como uma proposta pedagógica que visa romper a estrutura homogeneizante presentes nos espaços formais de ensino, se tornando largamente utilizada pela Educação Popular, em especial, pela EC. A Licenciatura em EC almeja um ensino com alternância em Tempo Comunidade (TC) e Tempo Universidade (TU), com o intuito de fortalecer a conexão do educando com a realidade do campo, e que assim ele possa fazer o paralelo entre as vivências cotidianas e as questões teóricas. Além de evitar com que os estudantes residentes no campo tenham que se mudar permanentemente para as cidades, para que não percam o vínculo com sua cultura camponesa² (Costa; Alves; Faleiro, 2015). Ressalto que a maioria da IES, lutam por fazer a Alternância da melhor forma possível, contudo com a falta de recursos humanos e financeiros, em muitas IES fica demarcado com apenas a flexibilização de tempos e espaços, e poucas interações e trocas de saberes.

George Leonardo Seabra Coelho: O senhor pode descrever como funcionou a Alternância durante sua gestão como coordenador do Curso de Licenciatura em Educação do Campo?

Wender Faleiro: A Pedagogia da Alternância é um dos princípios da EC, contudo tem sido pouco valorizada e utilizada de forma coerente em muitas IES, seja por falta de formação e/ou por falta de recursos financeiros. Temos visto uma supervalorização do TU (seja pelo modelo vigente de formação superiro para o atender ao capital) ou por ser “mais fácil”. Em nosso campus, 70% das atividades do curso se dá na Universidade e apenas 30% no TC (a mesma proporção para as avaliações). E no TC, temos verba apenas para uma visita *in loco*, o restante do TC se dá todo envolto na visita, mas em encontros na Universidade.

George Leonardo Seabra Coelho: No campo pedagógico, para o senhor, qual seria a corrente epistemológica mais adequada para a abordagem na Educação do Campo? Por quê?

² Vide em Magno Nunes Farias e Wender Faleiro da Silva. Relações identitárias dos formadores de professores com a licenciatura em educação do campo. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista v. 12, n. 23 p. 353-375 set./dez. 2016.

Wender Faleiro: Materialismo histórico dialético seria a corrente mais adequada, pois para que possa entender as condições materiais e às relações sociais conflituosas que giram em torno da noção de trabalho. Segundo a abordagem da vida social, Marx (1986) concebeu que os homens têm como base de suas relações o modo como produzem seus meios de existência. No materialismo histórico, as respostas para os fenômenos sociais estão inseridas nos meios materiais dos sujeitos. Isso quer dizer que diferentes situações materiais, o que, em uma sociedade capitalista, traduz-se em situação econômica, moldam diferentes sujeitos. Essa diferença seria, para Marx, vetor de conflitos entre grupos de indivíduos submetidos a realidades materiais diferentes. Marx, como se sabe, dedicou todo o seu esforço intelectual na tentativa de mostrar o capitalismo por dentro, apontando as suas contradições, seus sustentáculos, sua origem e desenvolvimento, bem como as suas consequências para o ser humano que trabalha. Para Gramsci (1981), do mesmo modo que o trabalho é princípio educativo, o movimento social popular é educador como formador da classe e de uma identidade de classe. Nesse sentido, a educação coletiva tem, assim, um caráter de classe, e é isso que a distingue da educação moderna, e ao meu ver tudo a ver com a luta da Educação do Campo!

George Leonardo Seabra Coelho: No que se refere à formação de professores, como os cursos de Licenciatura em Educação do Campo entendem a práxis docente? Sobre os professores licenciandos ou sobre os professores que formam professores?

Wender Faleiro: Ainda está muito inicial, vejo um despreparo e descompasso dos professores formadores, seja por falta de formação inicial e continuada (pois a maioria de nós não tivemos essa formação durante nosso percurso acadêmico). Ainda, não temos consenso, dentro de cada corpo docente, qual epistemologia, metodologia e caminhos a seguir para a melhor formação de nossos alunos (por um lado é bom, pois nos dá liberdade e autonomia em experimentar e criar caminhos mais condizentes com nossa realidade local e regional, mas ao mesmo tempo também erramos muito mais).

Em estudos, onde analisamos os Projetos Políticos Pedagógicos do Curso (PPPC) das IES, a maioria não tem claro a corrente epistemológica (não que deva ter apenas uma), metodologia de ensino aprendizagem, os princípios da EC, e mais preocupante os objetivos e o perfil do

egresso, muitas vezes esvaziados, divergentes e confusos. Dessa forma, fica difícil alinhar os caminhos a seguir.

Inferimos que a maioria das IES compartilharam os PPPCs para atenderem ao edital de 2012 e ao “Sistema das IES”, mesmo depois de cinco anos aprovados e em desenvolvimentos, poucos voltaram para fazerem adequações e especificações para atenderem aos princípios da EC, e poucas lutas para as especificidades da formação estamos vendo dentro dos conselhos de graduação. Sinto falta das IES pilotos, nesse direcionamento e acompanhamento das demais IES, principalmente na fase inicial de implantação.

George Leonardo Seabra Coelho: Você poderia apresentar um balanço geral desses oito anos de criação, implementação e desenvolvimento da Educação do Campo?

Wender Faleiro: O curso é resultado das lutas dos movimentos sociais do campo e tais lutas acabam se tornando também nossas, haja visto que o acesso à Universidade não garante, por si só, o direito à população camponesa ao Ensino Superior, o que nos coloca o dever de assumir essa luta, haja visto que a luta não se encerra quando se dar o acesso dos trabalhadores rurais na universidade. Cada dia é dia de luta dentro da Universidade. Luta pela permanência. Luta pelo respeito aos povos do campo. Luta por reconhecimento. Luta por manutenção dos direitos conquistados. Luta pela valorização das pedagogias que propomos. Nesse lutar e labutar cotidiano percebemos que nossa existência dentro da Universidade se deve, em grande medida, à nossa capacidade de resistência. Tivemos vitórias, mas temos um grande caminho de lutas pela frete! Então avante!

George Leonardo Seabra Coelho: A Escola da Terra pode ser considerada como um primeiro passo rumo ao futuro da Educação do Campo no Brasil? Por quê?

Wender Faleiro: De certa forma sim. A escola da terra, da força e solidez à EC. Abrem horizontes e novos olhares dos gestores locais e dos professores. Sem dúvida transforma a vida e a metodologia dos docentes em relação a sua própria comunidade, pois no nosso caso (Goiás) tínhamos uma interação muito grande com a comunidade.

O programa de formação Escola da Terra Goiás – Formação de Professores e Partilha de Saberes (TerraFor-GO), teve sua primeira edição no estado de Goiás em 2017/18, com

atividades desenvolvidas em diversas comunidades rurais nos *municípios polos*, onde foi desenvolvido. O Programa tem por objetivo desenvolver formação continuada para professores que atuam em municípios rurais, em comunidades quilombolas e em áreas de assentamento da reforma agrária. O curso foi coordenado e desenvolvido por docentes da UFG - Regional Catalão (a atual UFCAT), da PUC-GO, UFG Regional Cidade de Goiás e da UFT Campus Arraias.

Nesta primeira edição participaram 200 profissionais da Educação Básica dos municípios de Corumbá, Cidade de Goiás, Orizona, Monte Alegre e Cavalcante.

Em 2020 tivemos nossa segunda edição, finalizada em 2021, que se destinou à formação de 120 cursistas/professores que atuam em classes no campo voltadas para o ensino fundamental e Médio dos Polos de Catalão; Luziânia e Piracanjuba. Em continuidade, em 2021 iniciamos a Especialização em Educação do Campo, com 60 professores e professoras de diversas áreas, com realização das aulas em 2022. Este curso teve por objetivo a formação continuada interdisciplinar de Docentes atuantes em escolas do campo, buscando contribuir para a oferta de uma EC específica às realidades socioculturais e econômicas dos povos camponeses, de qualidade e em conformidade com os Princípios e Diretrizes Nacionais Operacionais para a EC. Em particular, essa formação, em nível de especialização foi voltada aos professores licenciados que atuam em escolas rurais e professores itinerantes do campo da rede pública de ensino de Goiás. Os concluintes foram certificados no curso de Aperfeiçoamento em Escola da Terra em Goiás – Coordenação geral da UFCat.

George Leonardo Seabra Coelho: Você poderia destacar algumas diferenças entre a Escola da Terra e outros programas de formação continuada de professores para o campo?

Wender Faleiro: Vejo diferença nos valores do financiamento e na possibilidade de integração de diversos profissionais além da autonomia que nos é dada para o desenvolvimento do trabalho. E mais, o programa oferece formas de permanência dos alunos no curso, fator que vejo como positivo e reflete na participação e aprovação final.

A infraestrutura fica sob a responsabilidade da FAE-UFCat e da coordenação do curso, junto aos termos de pactuação entre o MEC. Nos municípios, as atividades de ensino-aprendizagem ocorrerem em suas dependências. Oferecemos alimentação e estada aos estudantes e

professores, as aulas são totalmente gratuitas e o material didático é específico para cada módulo, os quais contemplam os conhecimentos formativos em relação à *práxis* docente em uma perspectiva crítica e dialética. Sobre as questões referentes à realidade educacional contemporânea, a formação e o trabalho docente em escolas do campo, além de temáticas que tratem mais especificamente de elementos circundantes às lutas e conquistas da Educação DO e PARA o campo.

No que concerne à parte didático-metodológica do curso, é importante destacar que ela explora um repertório de atividades cuja premissa é a indissociabilidade entre teoria e prática. O objetivo é oportunizar, mediante o uso das ferramentas pedagógicas diversas, um processo de ensino-aprendizagem que se reafirme a partir da abrangência e solidez dos diferentes saberes e perspectivas de modo que sejam estes elementos os promotores da construção dos conhecimentos que tornem possíveis as habilidades e competências previstas no perfil de conclusão do profissional que se pretende formar. Assim, o desenvolvimento das práticas pedagógicas no decorrer do curso terá como elementos fundantes a pedagogia de Projetos e a Interdisciplinaridade que são inequivocadamente, bases compatíveis com a formação que se pretende, contínua e processual. É a partir destas opções didáticas (calcadas na necessidade contundente de leitura de mundo) que as atividades buscarão a todo o tempo e das mais diversas maneiras instigar os sujeitos a procederem a investigações, observações, confrontos e outros procedimentos decorrentes das situações/problema propostas e encaminhadas. Como procedimentos metodológicos compatíveis com uma prática formativa, contínua e processual, estarão a forma de instigar seus sujeitos a procederem a investigações, observações, confrontos e outros procedimentos decorrentes das situações/problema propostas e encaminhadas. A perspectiva é de consolidação da cultura de pesquisa, individual e coletiva, como parte integrante da construção do ensino-aprendizagem.

É, portanto, a partir desta lógica formativa, na qual impera a potencialidade do campo e de seus sujeitos e a partir do encorajamento das formas protagonistas e auto gerenciárias de ação que nos afastaremos das didáticas liberais, tradicionais e conservadoras alicerçadas no conteudismo e na mera exposição. Atentos à tipologia desses componentes (factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais) é que serão utilizados ao máximo a diversidade de atividades pedagógicas, tais como: a) aulas práticas em diversos espaços educativos; b) seminários; c) pesquisas; d) elaboração de projetos diversos; e) aulas teóricas com utilização

de equipamento multimídia, como vídeos e slides, entre outros recursos; f) palestras com profissionais da área.

Para além das atividades de ensino, o curso também prevê outras atividades pedagógicas para contribuir para a integração entre os saberes, produção do conhecimento e intervenção social, assumindo a pesquisa como um dos princípios pedagógicos. Na mesma ordem de pensamento é que múltiplas formas de expressão serão valorizadas porque enunciam a importância do lugar, das ancestralidades e das formas de socialização e cultura.

George Leonardo Seabra Coelho: Como foi o processo de criação do Programa Escola da Terra?

Wender Faleiro: Em Goiás, tivemos conversas com a Universidade Federal do Tocantins (UFT) que já tinha implantado o projeto. Logo depois tivemos o contato com a SECADI-MEC. E fizemos o projeto, submetemos e fomos aprovados. A parceria com a UFT foi fundamental, haja vista seria nosso primeiro Projeto no estado de Goiás e a UFT, campus Ararais já havia concluído uma turma, protamente a equipe da UFT, nos sanou duvidas e expôs suas experiências, e nossa parceria inciaou com a troca de saberes e de pessoal na formação.

George Leonardo Seabra Coelho: Qual foi a área do conhecimento abarcada pelo programa ofertado e como foram organizados os programas da Escola da Terra?

Wender Faleiro: A escola da Terra, prima pela formação dos Professores Formadores. Antes do início de cada edição fazemos vários encontros coletivos a fim de refinar os olhares e concepções dos docentes. Fazemos o planejamento coletivo das ações e atividades, afim de termos uma elaboração coletiva do material didático e das atividades que serão desenvolvidas. Ao iniciar e finalizar o curso sempre fazemos encontros coletivos entre os polos a fim de socialização e trocas de saberes, nesses momentos realizamos o “Encontro Goiano da Escola da Terra: partilha e repartilha de saberes da Educação do Campo”. As aulas são divididas por módulos com as seguintes temáticas: 1) Trabalho, Educação E Emancipação Humana: Bases Onto-Históricas; 2) Educação Do Campo: Sujeitos E Escola; 3) Letramento e Alfabetização em Língua Materna; 4) Ciências Sociais e Humanas; 5) Letramento e Alfabetização em

Matemática e Ciências da Natureza; 6) Educação Ambiental e Conservação dos recursos naturais renováveis; 7) Gênero e empoderamento

George Leonardo Seabra Coelho: Quantos municípios foram atendidos? Quantos professores em formação participaram do curso? Como se organizou a equipe?

Wender Faleiro: Na primeira turma (2017/18) do Programa Escola da Terra em Goiás – Formação de Professores e Partilha de Saberes (TerraFor-GO), tivemos 244 cursistas matriculados, lembramos que a meta firmada com o MEC eram 200 cursistas. Contudo, atendemos a todos os docentes interessados dos Polos. Desses, 129 cursistas concluíram o curso e foram certificados, esse quantitativo representa 52,87% do total de matriculados e 64,5% do quantitativo da meta. Vale ressaltar que a evasão foi alto devido a dificuldade de conciliação das atividades formativas com as atividades laborativas. Infelizmente a realidade tanto da formação inicial quanto continuada de nossos professores é frágil e sem amparo do estado, ademais o único tempo restante aos docentes para realização do curso eram as sextas à noite e os sábados, os quais sabemos, que seria o tempo de descanso ou quase sempre deles realizarem as outras atividades. Contudo, sempre negociamos com as secretarias estadual e municipal que pelo menos as horas destinadas ao curso fossem recompensadas na hora atividade dos docentes.

Dos 129 concluintes a maioria possui curso superior (n=91/ 70,54%) e os 38 demais possuíam na época Ensino Médio completo e/ou Superior incompleto. A maior parte (n=105/ 81,4%) eram funcionários municipais. E, lamentavelmente, 73 (56,6%) deles possuíam contrato de trabalho temporário. A grande maioria dos cursistas eram mulheres (n=98/ 76%) e 71 (55%) se autodeclararam como negros.

Na segunda turma (2020/21) do Programa Escola da Terra em Goiás – Formação de Professores e Partilha de Saberes (TerraFor-GO), tivemos 147 cursistas matriculados, lembramos que a meta firmada com o MEC eram 120 cursistas. Contudo atendemos a todos os docentes interessados dos Polos. Desses, 107 cursistas concluíram o curso e foram certificados, esse quantitativo representa 72,79% do total de matriculados e 89,17% do quantitativo da meta. Vale ressaltar que a evasão foi relativamente alta principalmente pela dificuldade de conciliação das atividades remotas, haja vista que com a Pandemia do COVID 19, tanto o curso quanto as atividades docentes nas escolas tiveram que serem reorganizadas,

havendo uma sobrecarga de trabalho a todos os docentes brasileiros de todos os níveis formativos. Dos 107 concluintes praticamente todos possui curso superior (apenas um possuía na época superior incompleto). A maior parte (n=70/ 65,42%) eram funcionários municipais, seguidos de 36 (33,65%) da rede estadual e um da rede federal. E, a realidade continua, menor que da primeira turma, onde 56,6% possuíam contrato de trabalho temporário, mais ainda persistente e lamentável, na segunda turma tínhamos 40 professores nessa situação (37,38%). A grande maioria dos cursistas continuam como na primeira turma sendo mulheres (n=90/ 84,11%) e 67 (62,61%) se autodeclararam como pardos.

George Leonardo Seabra Coelho: Pela formação dos docentes que participaram do programa, poderíamos dizer que foi uma formação de excelência? Por quê?

Wender Faleiro: O curso foi muito positivo, uma conclusão 206 aprovados (84,5%), cumprimos a meta de 200 cursistas! Foi muito produtivo tanto para os professores cursistas quanto aos ministrantes. A iniciativa foi primordial para o empoderamento das escolas, saberes e povos do campo. As dificuldades de acesso as comunidades e pelos professores cursistas não serem liberados de suas atividades para realizarem o curso, e um fator preponderante para a evasão e desistência da maioria.

George Leonardo Seabra Coelho: Quais as expectativas de dar continuidade a Escola da Terra ao nível de especialização ou mestrado? Como esses cursos poderiam melhorar o nível de ensino nas Escolas do Campo?

Wender Faleiro: Historicamente, os espaços de discussão acadêmica sempre foram elitistas e centrados nas capitais brasileiras, logo sempre foi naturalizada uma formação inicial menor aos docentes do interior, onde esses adquirem um caráter muito mais voltado para a formação técnica e prática. No intuito de formar professores que se dediquem unicamente à sala de aula, pouco estimulando esses docentes para a continuidade de seus estudos e de se tornarem professores pesquisadores. Nesse intuito, o Programa Escola da Terra em Goiás – Formação de Professores e Partilha de Saberes (TerraFor-GO), tanto o curso de aperfeiçoamento quanto a Pós-Graduação em Educação do Campo é profícuo na formação continuada dos professores do campo do interior do estado de Goiás.

Assim, o Programa Escola da Terra em Goiás – Formação de Professores e Partilha de Saberes (TerraFor-GO), atende a uma necessidade histórica de formação e interiorização do acesso à formação continuada de qualidade, gratuita, e inclusiva na região e atenderá às demandas da sociedade local. Além de vir a fortalecer as Licenciaturas oferecidas pela UFCat, haja vista a temática ser urgente e necessária à todos os professores, e mais ainda à Licenciatura em Educação do Campo oferecida pela FAE-UFCat (desde 2014). Ademais, a Especialização corroborará para o fortalecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFCat que já trabalha nessa vertente de pesquisa. Outrossim, o ganho social e educacional proporcionará a formação continuada de professores que atuam em escolas do campo que tiveram pouco ou nenhum acesso à uma formação específica à Educação do Campo.

George Leonardo Seabra Coelho: Para finalizar, o senhor se considera um militante, um teórico, um pensador ou gestor quando o assunto é Educação do Campo? O que o senhor espera para o futuro da Educação do Campo no Brasil?

Wender Faleiro: Difícil responder, me vejo em um mix! Pois, ainda me falta muito de conhecimento e engajamento. Nesses últimos cinco anos tenho me debruçado sobre a causa, e quanto mais estudo e convivo, me vejo mais pequenino e que tenho muito ainda a aprender e fazer. As demandas das populações trabalhadoras do campo são inúmeras, e poucos para contribuir. Meu tempo particularmente é bem escasso haja vista atuar verdadeiramente na pesquisa, no ensino e na extensão, mas sempre procuro atender as demandas, inserindo já nos meus projetos coletivos e/ou individuais e nos TC do Curso.

Nesse ínterim, em minha IES (campus Catalão) criamos dois Grupos de Pesquisa. O Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação e Desenvolvimento do Campo (NEPCampo). Este grupo desenvolve ações de pesquisa e extensão sobre EC e Desenvolvimento social, econômico e cultural do Campo, tendo como contexto a Região Sudeste de Goiás. É um espaço para novos atores acadêmicos para pesquisar e desenvolver novas concepções que se relacionam com a EC, de maneira interdisciplinar, questionando questões atuais da educação e de desenvolvimento territorial.

Outro Grupo de pesquisa criado por nós foi o Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores (GEPEEC). Este grupo tem como objetivo

desenvolver projetos na perspectiva dos desafios do ensino de Ciências da Natureza e da formação docente, e também engloba a Licenciatura em Educação do Campo como área de investigação.

No que se refere ao desenvolvemos e fortalecemos nossas ações de pesquisa, ensino e extensão, já realizamos dois eventos de caráter nacional que tem tido grandes impactos na formação docente: I, II e III CECIFOP (Congresso Nacional de Ensino de Ciências e Formação de Professores). Na ocasião tivemos, além da grande participação e presença de grandes palestrantes, a publicação de Anais e de Coleção de livros e participação em Dossiê na Revista Brasileira de Educação do Campo (RBEC).

Temos tido uma grande produção acadêmica e ganhado espaços na Pós-graduação em Educação. No Programa de Pós-Graduação em Educação - UFCat, no ano de 2016, abriu uma nova linha de pesquisa intitulada “Leitura, Educação e Ensino de Língua Materna e Ciências da Natureza” que se dedica, também à investigações voltadas para as práticas e políticas de leitura em contextos escolares e não escolares; ensino de língua materna, ciências da natureza e educação popular, relativas à educação básica e superior, às práticas pedagógicas, formação de professores. Dando uma maior visibilidade e abrindo novas frentes para a pesquisa na Educação Popular, consequentemente à Educação do Campo.

Por fim, trouxemos e gerenciamos a Escola da Terra no Estado de Goiás com a parceria da UFT. Enfim essas são nossas bandeiras de lutas, que me torna de certa forma um militante, teórico e um gestor da Educação do Campo no Brasil.

Referências

Farias, M. N. S., & Faleiro, W. (2016). Relações identitárias dos formadores de professores com a licenciatura em educação do campo. *Práxis Educacional Vitória da Conquista*, 12(23), 353-375.

Costa, E. R., Alves, M. Z., & Faleiro, W. (2015) A interdisciplinaridade no curso de Educação do Campo: o caso da UFG catalão. *Enciclopédia Biosfera*, 11(20).

Marx, K. (1986). *A ideologia alemã (I- Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec.

Gramsci, A. (1981). *A Concepção Dialética da História*. 4ª edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Informações da Entrevista / Interview Information

Recebido em: 19/06/2024

Aprovado em: 02/10/2025

Publicado em: 21/10/2025

Received on June 19th, 2024

Accepted on October 02nd, 2025

Published on October, 21th, 2025

Contribuições na Entrevista: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author was responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação da entrevista

Artigo avaliado por pares.

Interview Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar esta entrevista / How to cite this interview

APA

Coelho, G. L. S. (2025). Educação do Campo e Escola da terra: experiências da LEDOC-UFCAT. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 10, e18463.

ABNT

COELHO, G. L. S. Educação do Campo e Escola da terra: experiências da LEDOC-UFCAT. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 10, e18463, 2025.